

NARRATIVAS E MEMÓRIAS DE AUXILIARES DE SERVIÇOS GERAIS ESCOLARES NA BUSCA DE RELAÇÕES OUTRAS

*NARRATIVES AND MEMORIES OF SCHOOL CAFETERIA WORKERS IN THE SEARCH OF
OTHER RELATIONSHIPS*

Maria Cecília Paladini Piazza¹

Elison Antonio Paim²

RESUMO: Este artigo é parte de uma tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, que produz conhecimento a partir do diálogo com as narrativas de quatro mulheres auxiliares de serviços gerais de uma escola estadual no município de Araranguá, Santa Catarina. O estudo se desenvolveu com base na articulação entre narrativas orais, fontes bibliográficas e documentais, sendo primordial o diálogo com as memórias e experiências de vida dessas mulheres. Metodologicamente, foi fundamentado na concepção de mônada, extraída do pensamento de Walter Benjamin, e impulsionado por leituras decoloniais do Grupo Modernidade/Colonialidade. Como objetivo, defendemos a potência das mônadas para revelar uma singularidade das experiências das auxiliares de serviços gerais, articulando suas individualidades com a dimensão universal. Também buscamos proporcionar o reconhecimento das diferentes formas que essas mulheres contribuem para o processo educativo. Diante da problemática de reconhecer as auxiliares de serviços gerais enquanto sujeitos que participam efetivamente do ensino em espaços informais da escola, consideramos que é possível construir histórias outras que se contrastam à colonialidade do ser, do poder e do saber. Como resultados, expusemos a desvalorização do trabalho braçal/manual, característica da sociedade moderna capitalista, e outras dimensões do cotidiano que nos tocaram como o respeito, o afeto e o acolhimento que elas agregam no universo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Auxiliares de serviços gerais escolares; Memória; Mônadas.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Graduada em Letras Português e Espanhol pela UNESC, com especialização em Língua e Literatura nos gêneros discursivos pela UNESC. É integrante do Grupo de Pesquisas Patrimônio, Memória e Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PAMEDUC-UFSC) e do Grupo de Pesquisas Rastros da Universidade São Francisco. E-mail: cissapiazza@yahoo.com.br.

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória-UFSC) e da Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Produtividade CNPq chamada PQ – 2020. Pós-doutor pelo Instituto Superior de Ciências da Educação - Huíla (ISCED) em Angola. Doutor em Educação pela Unicamp e Mestre em História pela PUC-SP. Líder do grupo de pesquisa Pameduc (UFSC), Vice-líder do grupo de pesquisa Rastros (USF) e membro do grupo de pesquisa Kairós (UNICAMP). E-mail: elison0406@gmail.com.

ABSTRACT: This article is part of a doctoral thesis, defended in the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Santa Catarina. It produces knowledge from the dialogue with the narratives of four female school cafeteria workers of a state school in the municipality of Araranguá, Santa Catarina. The study was developed based on the articulation between oral narratives, bibliographical and documental sources, being essential the dialogue with the memories and life experiences of these women. Methodologically, it was based on the concept of monad, extracted from the thought of Walter Benjamin, and boosted by decolonial readings from the Modernity/Coloniality Group. As an objective, we defend the potential of the monads to reveal a uniqueness in the experiences of school cafeteria workers, articulating their individuality with the universal. We also seek to provide recognition of the different ways these women contribute to the educational process. Faced with the problem of recognizing school cafeteria workers as subjects who effectively participate in teaching in informal spaces of the school, we believe that it is possible to build other stories that contrast with the coloniality of being, power and knowledge. As a result, we exposed the devaluation of manual work, characteristic of modern capitalist society, and other dimensions of everyday life that touched us, such as respect, affection and acceptance that they add to the school domain.

KEY-WORDS: School cafeteria workers; Memory, Monads.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo dialogamos com as narrativas orais de quatro mulheres identificadas como Margarida, Hortência, Jasmim e Rosa, que compõem o grupo de auxiliares de serviços gerais de uma escola estadual de Araranguá, ao sul de Santa Catarina, enfatizando seus diferentes saberes, fazeres e experiências educativas não formalizadas. Nas entrevistas, muito disseram de si, de seus sonhos e de suas angústias.

A Unidade Escolar na qual realizou-se a pesquisa é mantida pelo Estado de Santa Catarina e administrada pela Secretaria de Estado da Educação. Oferece Ensino Fundamental de nove anos, Ensino Médio nos turnos matutino, vespertino e noturno, com aproximadamente 600 discentes. Atuo na instituição na posição de coordenadora pedagógica. Por isso, trago junto das leituras dos textos acadêmicos e das narrativas, impressões do meu cotidiano que caracterizo ao longo do trabalho como reminiscências.

As entrevistas³ fazem parte de uma tese de doutorado intitulada “Por entre corredores e refeitórios: escovando narrativas e memórias de auxiliares de serviços gerais escolares na busca de

³ Antes de começar a coleta das narrativas, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, seguindo as exigências e as prescrições orientadas pelo órgão. Apresentados os objetivos,

relações outras”, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, que teve como objetivo a valorização de saberes outros no cotidiano escolar, destacando a importância do ofício exercido pelas auxiliares de serviços gerais e suas funções que estão além daquelas prescritas nos documentos oficiais.

Vale ressaltar que são poucas as pesquisas em Educação com recorte neste grupo social, o que aponta para a pouca visibilidade que lhes é atribuída. Nesse sentido, destacamos aqui o trabalho de Marina Luz Rotava Paim, dissertação de mestrado defendida em 2017, que aborda as experiências de zeladores e serventes na cidade de Chapecó-SC e suas potencialidades para a construção de conhecimento histórico. Nesta pesquisa a autora buscou compreender com um olhar sensível quais são as potencialidades das memórias narradas pelos/as serventes, zeladores/as e os/as agentes de serviços gerais como sujeitos escolares que são esquecidas/os e silenciadas/os no meio educacional, pois segundo a autora: “no meio acadêmico, na área da educação e na história da educação, esses sujeitos também são marginalizados pelos pesquisadores que centram o foco de suas pesquisas, sobretudo, nos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e alunos.” (PAIM, 2017, p. 23).

Consideramos nossas temáticas decoloniais urgentes por propiciar a emergência em dialogar com vozes históricas que permeiam nosso cotidiano, pois o mundo que precisamos mudar não é aquele que está longe, mas sim o mundo em que vivemos que está do nosso lado. É tempo de (re) existir e transformar com vivências e aprendizados do cotidiano. Em nosso diálogo com o projeto decolonial, problematizamos as amarras colonizadoras que (in) visibilizaram saberes, culturas, epistemologias, modos de ser e viver, subalternizando sujeitos e espaços. Ao empregar o termo decolonial, fazemos referência ao movimento político e intelectual que surgiu nos anos noventa do século XX em torno das discussões do Grupo Modernidade/Colonialidade, no qual destaca-se a reivindicação de pesquisadoras/res em relação à autonomia e à legitimidade do conhecimento produzido na América Latina.

Dessa maneira, debruçamo-nos em leituras da decolonialidade e encontramos fundamentos para questionar a reprodução das colonialidades do ser, do saber e do poder, que são responsáveis pela manutenção das opressões e os privilégios no tempo presente (QUIJANO, 2007). Nesse sentido, valorizarmos as auxiliares de serviços gerais também atravessa a construção de uma

os pesquisadores responsáveis e as condições para a realização da mesma, a autorização foi concedida sob o número do protocolo 3.418.817, no dia vinte e sete de novembro de 2019, quando se deu início ao agendamento dos encontros.

escola com mais consciência política em assumir uma postura epistemológica crítica em relação aos conhecimentos tradicionalmente validados.

Ao estabelecer um diálogo com as auxiliares de serviços gerais desvelamos a desvalorização do trabalho braçal/manual, característica da sociedade moderna capitalista. Além disso, outras dimensões do cotidiano nos tocaram como o respeito, o afeto e o acolhimento que elas agregam no universo escolar. Vale destacar que esta generosidade muitas vezes não lhes é retribuída, como mostra a narração que deu origem ao processo de pesquisa, momento no qual uma das narradoras relata que “só lembram de nós quando é para cozinhar” (Jasmim, 2019).

Diante desta situação, como reconhecê-las enquanto sujeitos que participam efetivamente do ensino em espaços informais da escola? Como extrair problemáticas atuais nas sutilezas de suas narrativas? Como romper com a hierarquia de saberes e atribuir às auxiliares de serviços gerais um espaço de protagonismo no ambiente escolar?

Tendo em vista estes questionamentos, a opção metodológica foi trabalhar com autores e autoras que contribuem para a superação das condições vigentes de exclusão de saberes. Dentre eles, Walter Benjamin, que nos fornece ferramentas teóricas para o trabalho com as narrativas a partir da abordagem monadológica.

Benjamin escreve que há na mônada a imagem do mundo. A potência e a transgressão que as mônadas nos trazem é também estarmos atentos às nossas reminiscências, que numa relação dialética com as mônadas, nos revelam o porquê de escolhemos e construímos algumas mônadas e deixarmos de lado outras. As auxiliares me narraram muitos elementos. Eu escolhi alguns fragmentos das narrativas para produzir as mônadas numa relação que está emaranhada com minha posição política, posição de vida. Posição também arraigada nas minhas reminiscências da infância.⁴

Portanto, são fragmentos de histórias que têm a potência de contar sobre um todo. São centelhas de sentido que possuem essa ligação com o universal. Consigo, eu mesma, entender melhor e explicar aos leitores/as quando visualizamos um mosaico. No mosaico, há aquelas miniaturas finitas que carregam em si um todo universal gerando uma pluralidade de relações dialéticas, uma multiplicidade na unidade. Nesta perspectiva, o coração da tese e também deste

⁴ Quando escuto as auxiliares de serviços gerais me narrando suas experiências, me despertam imagens da minha infância, principalmente, me atravessa a imagem do meu pai me presenteando com uma boneca negra. Essa boneca, que era a minha preferida, traz o porquê dessa minha intenção de pesquisa. A imagem, nesse sentido, seria uma parte-todo da minha infância, que no momento rememoro implica num por vir potente de futuro e possibilidades.

artigo está na potência das mônadas em revelar uma singularidade das experiências das auxiliares articulando com o universal, com minhas reminiscências, meu olhar subjetivo, minhas escolhas. Fazendo despertar no presente a possibilidade de um outropor vir. Nossa motivação é estimular a insurgência de histórias outras em contraposição à colonialidade do ser, do poder e do saber.

2. APRESENTANDO A ESCOLA

O local da pesquisa está situado na cidade de Araranguá, conhecida como a “Cidade das Avenidas”. Pertence a Microrregião do Extremo Sul Catarinense e sua população, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) são de sessenta e três mil habitantes. Além disso, a cidade é banhada pelo Rio Araranguá e está localizada bem próxima da BR-101. Possui comércio intenso, agricultura na produção de arroz irrigado, fumo, milho, entre outras culturas.

A escola fica próxima a BR 101, um aglomerado urbano, atendendo também crianças e jovens da zona rural com baixa renda per-capta e com problemas na infraestrutura. Há uma grande rotatividade de moradoras/es, pois a unidade escolar fica próxima ao presídio e muitas pessoas se mudam para poder ficar perto de seus entes em reclusão. Além disso, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade, a oferta de emprego é insuficiente para atender as necessidades da população local. Ao mesmo tempo, há uma forte rede de prostituição e tráfico de drogas.

Os recursos físicos que agregam a instituição são: dez salas de aula; uma secretaria; duas cozinhas; um ginásio de esportes; sete banheiros; uma sala de professoras/es, um refeitório; e uma sala de atendimento pedagógico. A rua não possui calçamento e as auxiliares sempre reclamam da quantidade de poeira e da dificuldade em manter a escola limpa. Além do mais, as salas de aula se encontram em estado de degradação, apresentam péssima qualidade de iluminação natural e artificial à noite. As lâmpadas queimam com facilidade, pois a instalação elétrica está muito precária e antiga.

O corpo administrativo da escola é formado por uma gestora, duas assessoras, duas assistentes de educação e três assistentes técnicos pedagógico. quarenta e oito docentes. E nos serviços gerais temos as narradoras protagonistas deste artigo: Margarida, Hortência, Jasmim e Rosa. Segundo o PPP, os serviços gerais compreendem a conservação, a vigilância, a limpeza, a copa/cozinha que serão supervisionados pela gestora escolar. As funcionárias da limpeza são contratadas pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e/ou Concurso Público,

respeitando-se a legislação vigente, através da Associação de Pais e Professores (APP). Desse modo, é atribuição da APP a contratação de auxiliares de serviços gerais, pelo regime da Lei Trabalhista (CLT), por meio de convênios com a Gerência Regional de Educação, a qual assumirá o ônus financeiro.

Ainda, de acordo com o PPP, compete às auxiliares de serviços gerais zelar pela limpeza e conservação de todas as dependências da escola; manter o serviço de copa/cozinha de acordo com as determinações da instituição, colaborar com a manutenção do prédio escolar; manter em estado de higiene os sanitários, calçadas, áreas de lazer, pátios, salas, cozinha, janelas e abrir e fechar o estabelecimento no horário previsto pela gestora da escola.

Há também a equipe do Grupo Risotolândia, que é terceirizada, porém no horário do recreio, devido à alta demanda de estudantes, as auxiliares de serviços gerais prepararam e servem a merenda escolar. Em nossas conversas, elas narraram que com a vinda da Risotolândia melhorou bastante, pois não as sobrecarrega tanto, já que antes da instalação, ficavam com toda responsabilidade para limpar a escola, preparar a alimentação das/os estudantes e servir as refeições. Agora são responsáveis na hora de servir as/os discentes e higienizar a escola.

Cabe contextualizar que a dinâmica na escola ocorre da seguinte maneira: Margarida e Hortência trabalham no período vespertino, chegam à escola perto do meio-dia e terminam o expediente por volta de cinco e meia da tarde. Após todos irem embora, elas organizam as salas. Hortência tem sessenta anos de idade, tem três filhos, é casada e trabalha na escola há dezoito anos.

Margarida tem quarenta e cinco anos, sendo a mais nova, tem dois filhos, namora e está conosco há quinze anos. Jasmim e Rosa fazem a parceria no período matutino, chegam por volta das sete da manhã e retornam para suas casas meio-dia e trinta. Coincidentemente, ambas têm sessenta anos de idade, dois filhos e estão na escola há vinte anos. Todo esse tempo dedicado a deixar não só a escola mais organizada e limpa, mas também a iluminar o nosso cotidiano com suas experiências, conselhos e saberes. Eu as conheço já faz doze anos. Receberam-me com muito carinho na escola e logo já criamos um vínculo que ultrapassava questões de hierarquia.

2.1 DIÁLOGO COM AS MÔNADAS

As conversas com Margarida e Rosa ocorreram inicialmente na escola, local de trabalho, porém nessas primeiras ocasiões as narradoras não conseguiram desabrochar em suas falas. Resolvemos fazer um encontro em casa, também localizada na cidade de Araranguá, onde estiveram presentes no dia dois de dezembro de 2019, Maria Cecília Paladini Piazza, como anfitriã e pesquisadora, e as entrevistadas Rosa e Jasmim. A dinâmica funcionou bem na medida em que dispomos de uma mesa farta e mais privacidade, a conversa fluiu com leveza. Desse modo, ainda que seguindo um roteiro previamente estruturado, as entrevistas foram conduzidas em tom de diálogo e duraram a tarde toda, ora falavam todas de uma vez, pois estavam ávidas por narrar e serem ouvidas. Tendo em vista o resultado positivo, decidimos realizar as entrevistas em duplas. Já com a Margarida e a Hortência. Fizemos inicialmente na escola, havíamos marcado para abril, mas devido à pandemia do COVID-19 tivemos que cancelar. Seguindo os protocolos de distanciamento social orientados pela Organização Mundial da Saúde nos reunimos em um espaço público no dia 19 de outubro de 2020.

Após a gravação das entrevistas em áudio foi feito o processo de transcrição, realizado por Giovanna Santana, colega e parceira do grupo de pesquisa. Enquanto grupo de pesquisa, estrategicamente, escolhemos trabalhar com as narrativas no formato de mônadas, que têm origem no pensamento benjaminiano. Na condição de educadoras/es e de pesquisadoras/es, as mônadas nos permitem falar com e não sobre as narradoras, o que nos leva a assunção de uma postura decolonial.

É bastante amplo no campo da história oral os aportes teórico-metodológicos para a análise de narrativas. No entanto, algumas abordagens acabam por sobrepor a voz da/o pesquisador/a à da/o entrevistada/o, no sentido de avaliar sua veracidade, validar suas correspondências com os dados quantitativos ou até mesmo explicar a fala da/o entrevistada/o em tom de argumento científico. Outras abordagens ainda possuem a pretensão de “dar voz” aos grupos marginalizados, pressupondo que estes grupos e sujeitos sequer tenham suas próprias vozes e espaços de resistência (PIAZZA; SANTANA, 2021).

Portanto, aqui priorizamos a dimensão da escuta, do diálogo entre diferentes formas de compreensão da realidade, na tentativa de equilibrar as relações hierárquicas que com frequência se estabelecem na educação e na pesquisa científica. De acordo com Freire (1996, p. 111)

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com* ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a

escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso.

Assim, o princípio da mônada é que a sua unidade contempla uma pluralidade de interpretações, deixando em aberto a produção do conhecimento a partir da troca e do diálogo entre experiências. Tomar a construção das narrativas como mônadas significa entendê-las como histórias em fragmentos, não lineares e não cronológicas, repletas de tensões e de conflitos.

Esta opção é uma característica do grupo Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da Universidade Federal de Santa Catarina, que desenvolve pesquisas com diferentes sujeitos e temas, elegendo a mônada como tratamento adequado para equilibrar a relação entre pesquisador/a e entrevistadas/os. São projetos que lidam com as narrativas de professoras/es de História (SOUZA, 2020; SOUZA, 2018), da educação básica (PAULA, 2020), das Ciências Biológicas (PINHEIRO, 2020), bem como narrativas indígenas (SANTANA; SANTANA, 2019) e narrativas carimbozeiras (OLIVEIRA, 2018).

A potência da mônada está na percepção de que a unidade contém a totalidade, permitindo encontrar no detalhe dimensões estruturais. Logo, compreender as entrevistas como mônadas é partir do pressuposto de que elas não correspondem apenas às memórias compartilhadas de Margarida, Hortência, Jasmim e Rosa, mas de outras mulheres que vivem em situações análogas. Ainda assim, a ideia da mônada conserva a individualidade dessas narradoras e permite expressar suas subjetividades e experiências particulares. Numa relação outra de produção de conhecimento é pretendido compartilhar experiências a fim de proporcionar o reconhecimento mútuo das diferentes formas de contribuição para o processo educativo, dismantelando a colonialidade do poder que tanto existe em nossa sociedade vigente.

Nos debates do nosso grupo de pesquisa, nas bancas que participamos, artigos que submetemos, sempre surgem dúvidas e questionamentos em relação à nossa opção metodológica. Por isso esclarecemos que as mônadas em seu formato, em sua gênese, não necessitam ser nem interpretadas, nem analisadas ou algo dessa natureza, não é cabível. É mais do que desnecessário, impede que as mônadas cumpram a sua função política, poética e pedagógica. E, essa é a beleza e a particularidade da mônada.

Além disso, o motivo principal pelo qual nosso grupo de pesquisa elegeu esta metodologia foi a perspectiva de trabalharmos na horizontalidade entre as/os autoras/es com os quais

dialogamos e as memórias e experiências narradas. De acordo com Cyntia Simioni França (2015, p. 105-106), “a mônada é concebida como a cristalização das tensões nas quais se inscrevem práticas socioculturais, plurais, contraditórias”, também nos aponta que “a mônada é um fragmento que salta do desenrolar do tempo linear”. Assim, as imagens monadológicas que selecionamos possibilitam enxergar nas narrativas partilhadas pelas auxiliares de serviços gerais, suas bravuras na escola, que vão além do trabalho cotidiano da limpeza e da merenda. Assim, a mônada, tal como ela nos relampeja, pode atingir uma profundidade responsável por reconsiderar esse lampejo em seus “vários estratos de sua significação” (BENJAMIN, 1984, p. 51). Significa dizer que a cada retorno à leitura das mônadas podemos perceber outros elementos, antes não revelados.

Na narrativa também encontramos a rememoração (*Eingedenken*) que para Benjamin revela-se como uma potente força política para superar as falhas do Historicismo que é tão linear. Uma vez que há, na rememoração, o mecanismo de uma espiral que implica numa relação do passado com o presente. Enfatizamos que não se trata de evocar o passado nem conservá-lo, mas de revisitá-lo. Nesse sentido, a potência política da rememoração é que podemos reanimar alguma pendência do passado para relacionar com o presente, dessa maneira, o presente se revela como sendo primordial na compreensão da história.

Por exemplo, quando nos deslocamos para o passado ao rememorar as experiências das auxiliares de serviços gerais trazemos à tona as ruínas do passado delas; e a partir do presente nos relampeja uma luz que nos possibilita compreender o passado numa relação dialética com um dado presente em movimento. Esse passado visto com os olhos do presente através da rememoração contribui para uma permanente revisão de vozes outras, histórias outras que emudeceram. Nós pesquisadoras/es em diálogo com estas experiências narradas (e com as nossas próprias experiências) trazemos à tona e as resignificamos numa retomada a fim de lhes fazer justiça, com a premissa de que seus significados estão sempre em aberto e outros novos olhares podem ser lançados.

Por isso, na rememoração encontramos um potencial de cura, pois ao narrar estabelecemos relações com diferentes temporalidades, reelaborando a partir do presente, o passado e o futuro. Devido ao fato de compartilhar o mesmo ambiente de trabalho com as narradoras pude fazer uso da rememoração como estratégia para movimentar memórias.

E foi justamente ao rememorar uma narrativa de nossas conversas que surgiu a ideia do projeto de pesquisa, num relampejar que veio a tona um passado que as machuca e que nos toca. Esse relampejar transforma-se em uma imagem, um pensamento que se constrói como luz

na metáfora do conhecimento, nos aparece como um relâmpago, um lampejo, uma faísca e dali brota uma força tal que cada imagem, pensamento que nos cintila se articula historicamente interferindo no presente.

Assim, apropriei-me dessa reminiscência para impulsionar a tese de doutorado, posto que segundo Benjamin (1984, p. 51) “O valor desses fragmentos de pensamento é tanto maior quanto menor sua relação imediata com a concepção básica que lhes corresponde”. Neste trabalho nos atentamos aos relampejares nas sutilezas das falas das narradoras para detectar esses vestígios cheios de potência

Tal relampejar que gosto de chamar de impulso latejante ocorreu uma vez em que sugeri, na condição de assistente pedagógica, que em uma formatura do Terceirão as auxiliares fossem homenageadas. Dos que estiveram presentes na reunião, ninguém acatou a ideia e quem foi homenageado foi um político que nem faço questão de lembrar ou mencionar. Ali começou minha mobilização para escrever a respeito de um passado que não passou porque ainda machuca. Trago nas mônadas abaixo, esses fragmentos que tanto me inquietam:

Detalhes do cotidiano

Para mim uma formatura de Terceirão tem que chamar quem está ali batalhando. Não é para se chamar lá o político, fulano ou ciclano. A E. principalmente, que está sempre ali pra abrir o portão, pra fechar o portão, pra atender uma pessoa que vem entregar uma coisa, é... Sempre está ali, sábado e domingo. Um alarme que toca, daí é tu que chama (Rosa, 2019).

Minha estrela guia, flagrante do cotidiano

Pois é Cecília, fico chateada porque sempre que há confraternização dos professores, só lembram de nós quando é para cozinhar, caso contrário, nem nos convidam. Estou cansada de levar panelas pra cá e pra lá, **não veem que a gente também é gente** (Jasmin, 2019).

É nítido ver que as auxiliares de serviços gerais por estarem em uma profissão com “menor prestígio” e menor exigência quanto ao nível de escolaridade têm um tratamento diferente na escola. E, essa hierarquia de saberes e fazeres perturba nosso grupo de pesquisa e nos mobiliza a desaprender e construir modos outros de ser, saber, sentir e viver.

Nesta perspectiva, fazemos a tessitura com o conceito da colonialidade do poder estabelecendo essa relação que vai ao encontro da perspectiva decolonial para possibilitar que os

saberes das auxiliares de serviços gerais sejam tão imprescindíveis quanto os dos professores, por exemplo. E, assim mostrar o quanto esta hierarquia que se construiu é enganosa.

As opressões vigentes em nossa sociedade nos cegam em relação à dimensão histórica e cultural dessas mulheres que têm muito a nos ensinar. Ao compreendermos isso, escutando suas narrativas, suas práticas, saberes e experiências de vida, estaremos oportunizando a superação da colonialidade do poder, do saber e do ser.

Essa pesquisa é uma luta política no campo educacional que pretende “decolonizar as mentes”, tendo como brecha as narrativas das auxiliares de serviços gerais escolares para superar as estruturas de poder colonialista que foram implantadas historicamente. Além disso, com as narrativas, a intenção é mostrar as relações de poder perversas que há nessa lógica colonial e a necessidade de sua superação. A palavra superação pode não ser a mais adequada, mas almejamos balançar essa estrutura vigente na relação entre escola e as auxiliares de serviços gerais e que sirva para pensarmos em várias relações e vozes que são silenciadas. Muitas de nossas ações, pensamentos e valores estão inseridos nessa lógica que se naturalizou, por isso, é urgente remexermos em nossas estruturas partindo dos espaços que cotidianamente habitamos.

Ousamos propor arranjos da epistemologia do saber, do ser, do sentir e do viver para extrairmos novos rumos que sejam de fato humanos. Nessa singularidade, a relação com as auxiliares de serviços gerais contém o todo social que pode servir de exemplo para pensarmos em estruturas e relações de poder outras.

Por isso a colonialidade do poder é um conceito que nos faz enxergar estas sutilezas cotidianas que são tão perversas e impregnadas de preconceitos. Quijano (2007) questiona a colonialidade do poder como sendo as imposições dos saberes e do imaginário do colonizador⁵ superiores ao da/o colonizada/o, negando e encobrindo a/o outra/o. No cotidiano escolar, é nítida essa relação de dominação e naturalização da superioridade e subordinação epistêmica inviabilizando os saberes dessas mulheres – as auxiliares de serviços gerais escolares.

De acordo com o grupo de pesquisadores latino-americanos denominado Modernidade/Colonialidade, dentre eles: Edgardo Lander, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, estamos estruturados sob o domínio da matriz colonial política, cultural, economicamente e epistemológica há mais de 500 anos. Essa matriz colonial cria hierarquias, invisibiliza e inferioriza

⁵ Optei por não usar o feminino nesse caso, evidenciando assim o caráter patriarcal e masculino tanto da colonização quando da colonialidade.

seres humanos. Além disso, introjetam subjetividades nas populações dominadas: “[...] a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específico do padrão mundial do poder capitalista. Funda-se numa imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular desse padrão de poder” (QUIJANO, 2007, p. 93).

O que nos afeta e nos faz desaprender muitas coisas que foram construídas é essa imposição, subalternização e invisibilização, tanto de povos e culturas quanto de seres humanos e suas singularidades, seus saberes, suas memórias e fazeres. Dessa maneira, questionamos é possível ressignificar as memórias das auxiliares de serviços gerais escolares para além da matriz colonial europeia e subverter essa hierarquia que subalterniza o outro?

As/os pensadoras/es decoloniais nos ajudam a entender a gênese dessas relações de colonialidade nas esferas econômicas, sociais, políticas e psíquicas, e nos possibilitam olhares outros para tentar acabar com o colonialismo. O sociólogo e professor, Luiz Fernandes Oliveira, e a pedagoga e professora, Vera Maria Ferrão Candau (2013, p. 50), consideram que:

O colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se então a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não europeu e apropriação, negação e esquecimento de processos históricos não europeus.

Os autores nos mostram como essa colonialidade nos invade e nos faz acreditar que são o pensamento europeu e suas epistemes os únicos a serem considerados. Ficamos intrigados, com o quanto essa hierarquia que nos foi criada e inventada invisibiliza e desumaniza outros seres humanos, e o pior de tudo é que naturalizamos isso. Essa colonialidade do poder traz consigo a colonialidade do saber, por isso temos que converter e subverter essa lógica. Ainda de acordo com Oliveira e Candau (2013, p. 54):

A colonialidade do saber operou a inferioridade de grupos humanos não europeus do ponto de vista da divisão racial do trabalho. Do salário, da produção cultural e dos conhecimentos. Por isso, Quijano fala da colonialidade do saber entendida como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não europeu que nega o legado intelectual e histórico dos povos indígenas e africanos, por exemplo, reduzindo-o por sua vez a categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a uma outra raça.

Essa citação nos provoca a pensar que ainda, nas sutilezas de nossa vida, há tanta colonialidade com as mulheres, com determinados trabalhos, essa colonialidade do poder humilha e estigmatiza a outra, porque nas relações de saber e poder há quem se ache no direito de tentar inferiorizar, diminuir e silenciar a/o outra/o. Toda essa colonialidade do poder e do saber também nos impôs a colonialidade do ser, que nos impacta violentamente em todos os espaços. Tanto a mídia quanto os espaços educativos, redes sociais, livros. Nosso enfoque é, sobretudo, as auxiliares de serviços gerais escolares, em quem percebemos o quanto sofrem com essa colonialidade. Passa despercebido, mas fere, e causa danos, inclusive psicológicos.

Eu enxergo assim que a gente não tem valor!

Eu enxergo assim que a gente não tem valor! Que a gente se dedica, se dedica e faz e não tem! [...] sim, é valorizado assim pelas crianças. Então, a importância que a gente tem é que as crianças têm um amor pela gente. Nas confraternizações não dá pra gente conversar. A gente não conversa com ninguém, não aproveita nada. Porque a gente também quer conversar. Só servimos para fazer a comida, só procuram a gente quando precisam de nós, porque na hora de convidar às vezes para ir num passeio ou uma coisa... ninguém convida. Ninguém diz: “vamos lá comer um churrasquinho, vamos lá na pizzaria.” (Jasmin, 2019).

É visível o processo de dominação que se constitui e naturaliza-se com essas mulheres e o quanto é urgente que nos apropriemos do pensamento decolonial para desnaturalizar a repressão e dominação que as auxiliares de serviços gerais escolares sofrem na escola. Em nossa leitura, as estruturas que permeiam o ambiente escolar estão diretamente relacionadas aos conceitos de colonialidade do poder, do ser, do saber e do gênero (QUIJANO, 2007; LUGONES, 2008). As colonialidades do poder e do ser são matrizes impostas a partir da classificação racial e patriarcal que pautaram a distribuição de poder no colonialismo, e que perduram até os dias atuais enquanto configurações intersubjetivas, naturalizando as desigualdades entre brancos, negros e indígenas, homens, mulheres e transexuais, dentre outras identidades, sexualidades e formas de vida.

Assim, a colonialidade do gênero constitui a colonialidade do poder, uma vez que assumem uma lógica de reciprocidade. Deste conjunto, manifesta-se a colonialidade do saber, que torna o conhecimento da/o outra/o inválido, de menor valor, ou ainda a sua forma de existência invisível. Nas palavras da narradora, isso acontece a tal ponto que “não veem que a gente também é gente”.

Para além das suas funções oficialmente prescritas, elas nos narraram suas estratégias de acolhimento, pois há um alto índice de depressão entre as/os discentes, sendo que já presenciei várias vezes, elas na cozinha ou nos corredores acalentando-as/os com os saberes e experiências

de vida que possuem. Estas são atividades que, muitas vezes, escapam da visão das/os professoras/es, as/os quais se ocupam em grande parte do tempo em cumprir com o currículo prescrito. Logo, assim como os demais sujeitos que circulam pelo ambiente escolar, as auxiliares de serviços gerais atuam em paralelo ao processo pedagógico, ampliando o currículo oculto, na medida em que socializam hábitos, valores e atitudes (SILVA, 2014).

]Atitudes que nos enobrecem

Eu gosto assim de conversar com eles. Eu converso, às vezes, tem criança que chora, chora. Eu chego e converso, eu brinco com eles. Às vezes eles vão lá tomar chá, eu digo – ah, eu vou bem né: “Agora, eu vou benzer vocês”. Eles olham pra mim e começam a rir: “Agora, eu vou benzer vocês”, eles riem de mim quando eu vou dar o chá (Jasmin, 2019).

Diálogo e reconhecimento

E eu acho que no fato de a gente estar ali por fora e na hora do recreio, como tu ali, conversando com eles, rindo, tudo eles acabam se sentindo mais à vontade até para se abrir, entendeu. Só no fato de, às vezes a gente nem precisa falar nada, só no fato de sentar e de escutar eles contar o problema deles, já ajuda. E a gente, eu noto assim também, que às vezes a gente acha que eles não estão nem aí para gente, mas uma de nós falta, qualquer uma falta, “ô, a tia não veio hoje por que?”, sabe, “o que aconteceu com a tia?”, entendeu? (Margarida, 2020).

3. PARA NÃO CONCLUIRMOS: E, SIM, PARA REFLETIRMOS

Se possuímos compaixão narrativa – nos deixando ver o mundo do ponto de vista do outro – somos incapazes de matar. Se não a possuímos, somos incapazes de amar (KEARNY, 2012, p. 419).

Conforme explanado no decorrer deste artigo, buscamos dialogar com as narrativas orais das auxiliares de serviços gerais escolares trazendo questões cotidianas de suas memórias. Elas narraram constantes angústias relacionadas a desvalorização e a falta de reconhecimento. Ao

mesmo tempo, em suas narrativas, destacam seu trabalho com as/os estudantes e o quanto gostam e prezam por elas/es. Suas atitudes cotidianas impulsionam as/os estudantes a olhar além das relações formais estabelecidas na escola. Através de carinho, gestos, atitudes e palavras, consideram-se mães, conselheiras e amigas.

A citação que propusemos acima expõe a urgência de mobilizarmos a compaixão narrativa que, para Kearney (2012), envolve uma postura além do altruísmo. Tanto na multiplicidade de sentidos existente nas mônadas, quanto pensamento de Kearney, a compaixão narrativa se traduz nos pormenores das nossas experiências cotidianas, nas sutilezas artesanais das miudezas de nossas conversas. Desta forma, para capturarmos o que é produtivo em prol do coletivo e da ação humana, é preciso tomar distância do tempo acelerado e dos padrões impostos pela narrativa da história maior.⁶

Também consideramos urgente olharmos para a dimensão interseccional das opressões que as auxiliares de serviços gerais da escola estão sujeitas, nos planos de classe, raça e gênero. Como destacamos, as manifestações da colonialidades do ser, do poder e do saber são mecanismos presentes nas hierarquias que estruturam as instituições escolares e acarretam na seleção e na abordagem dos conteúdos a serem ensinados. Destacamos também que é preciso buscar coerência entre as posturas epistemológicas dentro e fora da sala de aula, tendo em perspectiva uma escola mais democrática e plural.

Nesse sentido, valorizar as auxiliares de serviços gerais também atravessa a construção de uma escola com mais consciência política, o que implica em assumir uma postura epistemológica crítica em relação aos conhecimentos tradicionalmente validados pelos currículos escolares. Nesse sentido, ao escutá-las com a devida atenção, procuramos evidenciar suas atuações nas práticas pedagógicas em espaços informais da escola. Elas não querem só respeito, mas também anseiam por valorização salarial e social. No entanto, como pudemos observar nas conversas e no entrecruzamento com a literatura consultada, elas sofrem violentos processos de precarização.

Na fala delas, evidenciamos a dimensão estrutural das diferentes colonialidades e o sentimento na prática de tudo o que Benjamin diagnosticou sobre o declínio da arte de narrar, da escuta ativa e a diluição da memória que está tão impregnada em nós. Na contraproposta,

⁶ Por histórias menores fazemos referência à análise de Nilton Pereira (2017), que as contrasta com a existência de uma História Maior, por sua vez, marcada pela historiografia que descarta experiências outras para a compreensão do contexto histórico, em detrimento de uma narrativa oficial e totalizante.

estimulamos dentro da perspectiva historiográfica uma Pedagogia da Memória,⁷ com a insurgência de histórias menores em contraposição ao pensamento hegemônico da narrativa estrutural, distante da realidade das/dos estudantes e dos sujeitos presentes na comunidade escolar (PIAZZA; SANTANA, 2021). Portanto, o que defendemos neste artigo é nossa luta pelo compartilhamento das experiências e o compromisso com a arte da escuta compassiva em favor de desaprender para aprendermos novamente. E, como diz Conceição Evaristo (2008), precisamos para “pôr reparo nas coisas”, “assuntar a vida”.

4. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Entrevista com Margarida e Hortência concedida à Maria Cecília Paladini Piazza, na cidade de Araranguá, em 19 de outubro 2020.

Entrevista com Jasmin e Rosa, na cidade de Araranguá, em 27 de maio de 2019.

EVARISTO, Conceição. De mãe. In: EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão. **História Oral**, v.9, n. 1, jan/jun. 2006, p. 125-141.

FRANÇA, Cyntia Simioni. **O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes**: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico educacional. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

KEARNY, Richard. Narrativa. Tradução: Gilka Girardello. **Revista Educação e Realidade**,

⁷ De acordo com Fonseca (2006), a Pedagogia da Memória cumpre com os objetivos de lançar temáticas que partem do meio próximo das crianças e jovens, de espaços de vivência da localidade, para contemplar as problemáticas de pertencimento, identidade, pluralidade cultural étnica, religiosa e de exclusão social. Possibilitam ainda o entrecruzamento de diferentes temporalidades que se estabelecem na constituição do conhecimento histórico (PIAZZA; SANTANA, 2021).

v. 37, n. 2, Porto Alegre, mai./ago. 2012. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/30354>>. Acesso em: 10 mar. 2021. 20:05:07.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, n. 9, p. 73-101, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a06.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2021. 13:53:15.

OLIVEIRA, Sil-Lena Ribeiro Calderaro. **Antes que o tempo passe tudo a raso**: tambores matriarcais do grupo de Carimbó Sereia do Mar da Vila Silva em Marapanim, no Pará. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PAIM, Elison Antonio; ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26 n. 92, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3543>>. Acesso em: 4 fev. 2021, 14:20:35.

PAIM, Marina Luz Rotava. **Um olhar sensível para as narrativas e experiências de zeladores e os agentes de serviços gerais das escolas públicas em Chapecó-SC (1970- 1980)**: potencialidades para a produção de conhecimento histórico. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco. Itatiba, 2017.

PAULA, Josiane Beloni de. **Andarilhagens de professorxs**: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas - RS. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219326/PEED1541-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 mai. 2020, 10:09:13.

PINHEIRO, Patrícia Magalhães. **Entre Silenciamentos e Resistências**: Educação das Relações Étnico-Raciais nas Narrativas de Professoras/es de Ciências Biológicas da UFSC. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219326>>. Acesso em: 20 abr. 2021, 18:34:14.

PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História e resistência: notas sobre uma história menor. In: PAIM, Elison Antonio (Org.). **Patrimônio cultural e escola**: entretecendo saberes. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. p. 227-246.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, 2007, p. 342-386. Disponível em:

<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021. 09:12:36

PIAZZA, Maria Cecília Piazza; SANTANA, Giovanna. Ensinar histórias menores: narrativas e memórias de auxiliares de serviços gerais escolares na busca de relações outras. **Intellèctus** (UERJ). Online, v. 20, 2021, p. 207-225.

SANTANA, Tatiana de Oliveira; SANTANA, Giovanna. Fontes orais e narrativas indígenas: as mônadas como possibilidade teórico-metodológica. **História Oral**, v. 22, 2019, p. 320-339. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=900>>. Acesso em: 5 mar. 2021. 15:32:04.

SILVA, Diogo Lopes. **Representações dos Trabalhadores não docentes no cotidiano escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2014.

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**, v. 30, n. 60, 2010, p. 13-33. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a02v3060.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2021. 17:10:32.

SOUZA, Odair de. **A educação para as relações étnicorraciais no ensino de história**: memórias e experiências de professoras na educação básica. Dissertação (Mestrado em Ensino de História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SOUZA, Técia Goulart de. **Educação para as relações étnico-Raciais no Centro de Ensino Fundamental Miguel Arcanjo – São Sebastião – Distrito Federal**: Diálogos dentro e fora da escola. Dissertação (Mestrado em Ensino de História), Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.